

A FORMAÇÃO DO SUJEITO POLÍTICO NA UNIVERSIDADE: A MEMÓRIA E O PAPEL DOS ESTUDANTES E DOCENTES ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE EXPANSÃO DE UMA UNIVERSIDADE ESTADUAL

Quelen Gianezini¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
quelen.gianezini@ufrgs.br

Resumo: Este estudo visa analisar a criação e o desenvolvimento da UNEMAT através da memória e do papel dos estudantes e docentes envolvidos no processo de expansão da mesma. Adotou-se a metodologia qualitativa com a realização de entrevistas semi-estruturadas com alguns dos sujeitos políticos no processo de expansão, seguida de análise à luz de autores que estudam a temática do esquecimento da política, bem como a formação do sujeito político na universidade. Foi possível perceber que a criação de uma universidade pública estadual no interior – por meio da instalação da sede em Cáceres; criação de *campi* e núcleos pedagógicos; e da implantação e implementação de distintas iniciativas – representou a oferta de ensino superior e extensão, tanto em localidades inseridas na nova economia mato-grossense, quanto nas localidades menos favorecidas e quase excluídas socioeconomicamente. Dessa maneira, a UNEMAT foi fortalecendo-se no interior, ainda que, para isso, conflitos internos e disputas políticas externas tivessem de ser contornados por lutas e alianças em prol de sua expansão, comprovando os sentidos atribuídos dos sujeitos políticos na idealização de uma universidade multifacetada.

Palavras-chave: gestão universitária; sindicato dos docentes; movimento estudantil.

INTRODUÇÃO

No decorrer da história brasileira, as universidades assumiram muitas faces e funções, englobando tanto a formação de cidadãos para as diferentes atividades profissionais que iam surgindo, quanto para à criação de uma cultura geral. Paulatinamente, ela também passou a agregar a produção de conhecimentos, técnicas para as múltiplas necessidades sociais e a função de pesquisa (GIANEZINI, 2007).

O sistema de educação superior brasileiro é, atualmente, bastante heterogêneo, com características distintas e peculiares nos diferentes estados da federação. Mato Grosso vem reagindo às pressões de expansão de modo distinto em função de sua história, da sua capacidade de reação, de mobilização de recursos, entre outros.

Dado o papel estratégico que as universidades vêm assumindo na produção de conhecimento, na qualificação profissional e na prestação de serviços, tornou-se importante compreender as relações que estruturaram este campo educacional, sobretudo a intensa influência na formação de sujeitos políticos que constituem uma universidade.

Destarte, “as universidades podem ser consideradas como elemento fundamental no processo de transformação social, interagindo crescentemente com os demais sistemas como o

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutoranda pela mesma instituição e bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU).

econômico, o político e o social, por meio de suas diferentes perspectivas institucionais e seus diferentes sujeitos políticos envolvidos” (GIANEZINI, 2009, p. 25).

Desta forma, “a educação superior se apresenta, na sociedade moderna, como um fenômeno plurifacetado, resultado da diversidade de funções, tipos de instituições, formas de gestão, relação entre docentes, alunos e quadro administrativo” (GIANEZINI, 2006, p. 22).

E no rol das principais preocupações referente à educação superior – sobretudo na educação brasileira – encontram-se temas relacionados a prática pedagógica, a docência universitária, o conhecimento, a ciência, a ética e a cidadania. Neste sentido Fernandes e Genro (2006) autoras do artigo *Cidadania e práticas pedagógicas: reinvenções possíveis?* materializaram as seguintes questões sobre a universidade e o próprio mundo:

[...] como mudar? Por onde iniciar? Que é conhecimento? Qual a idéia de prática pedagógica hoje? Como trabalhar com a avalanche de informações, transformando-a em conhecimento? Para que e para quem? O que é realmente cidadania? Como trabalhar com práticas que potencializam a cidadania? (GENRO; FERNANDES, 2006, p. 193).

Observando estes questionamentos, pretende-se analisar, neste artigo, a criação e o desenvolvimento da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)² e, paralelamente a memória e o papel dos estudantes e docentes envolvidos no processo de expansão da UNEMAT.³

Contudo, ao considerar as novas exigências impostas pela sociedade moderna, por melhor qualificação de profissionais para o mercado de trabalho e, também, maior demanda na prestação de serviços e diante do cenário expansivo da UNEMAT, indaga-se: *quais foram os principais sujeitos políticos (ativos ou passivos) que lutaram em prol da expansão da universidade? Se forem os estudantes, como se mobilizaram? Quais foram suas expectativas? Quais foram os desafios? Se forem os docentes e técnicos administrativos quais foram as estratégias de mobilização e intervenções? Por fim, a participação dos sujeitos políticos nestes conflitos contribuiu para a consolidação da identidade institucional da UNEMAT?* Buscar respostas para estes novos questionamentos será indispensável para compreender e assim analisar o papel dos sujeitos políticos em constante formação na universidade.

2 De acordo com a mensagem nº 54/93, de 22.10.1993, do então governador de MT, Jayme Veríssimo de Campos, a “1ª Universidade Estadual, chamada inicialmente de Universidade Estadual de Mato Grosso – UEMT – foi criada pela Lei nº 2.947, de 16 de setembro de 1969; teve sua sede localizada na cidade de Campo Grande, hoje capital do Estado de Mato Grosso do Sul – MS”. Após nove anos de criação, foi federalizada em decorrência da Divisão do Estado, passando a chamar-se Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Desta forma, a UNEMAT, historicamente é, de fato, a segunda universidade do Estado de Mato Grosso. Todavia, atualmente, ela é a única na categoria universidade estadual. O lema da UNEMAT – *Universitate Omnium* – significa universidade para todos. Sua sede localiza-se na cidade de Cáceres que encontra-se a 220 km da capital, Cuiabá. Está situada a sudoeste do Estado de MT, sendo a maior parte do município contida no Pantanal. Sua localização geográfica está assim disposta: ao Norte, limita-se com os municípios Barra do Bugres, Porto Estrela, Lambari d’Oeste, Curvelândia, Mirassol d’Oeste e Glória d’Oeste; a Leste, limita-se com os municípios de Nossa Senhora do Livramento e Poconé; ao Sul, faz divisa com a Bolívia e com o Estado do Mato Grosso do Sul (Corumbá); a Oeste com o município de Porto Espiridião e também com a Bolívia (MENDES, 1973; NOVAIS, 2008).

3 Neste estudo, estudantes e docentes são considerados sujeitos políticos em constante formação que ao longo da história da universidade agiram em defesa dela.

METODOLOGIA

Um ano após a conclusão do mestrado em sociologia (UFRGS), tem-se a oportunidade de revisitar uma parte dos dados coletados na pesquisa de campo, agora para analisar especificamente o papel dos sujeitos políticos nas transformações da UNEMAT. A proposta de analisar o papel dos sujeitos políticos envolvidos nos conflitos e alianças em prol da expansão da UNEMAT sob novas perspectivas teóricas teve o propósito de preencher a lacuna deixada em virtude do delineamento anterior da pesquisa.

O foco recaiu sobre as motivações que geraram a luta pela sua concepção e sustentação, merecendo atenção as vicissitudes e as ideias-forças que moviam os sujeitos políticos desde a época do antigo Instituto de Ensino Superior de Cáceres (IESC) até a execução do projeto de criação da UNEMAT, bem como seu processo de expansão e seus distintos projetos, em sintonia com a realidade local e inserida nas transformações do mundo globalizado.

Contudo, cabe destacar que as entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e dezembro de 2008 sendo integrante da dissertação de mestrado, cujo título é O processo de expansão do ensino superior em Mato Grosso⁴, defendida em 2009.

Para o artigo, analisou-se 04 entrevistas (SP1, SP2, SP8, SP21⁵). O perfil dos sujeitos políticos entrevistados consistia em maiores de dezoito anos (entre 45 e 65 anos), mulheres, alunas que passaram a condição de docentes e que, em dado momento histórico-institucional, assumiram algum cargo na reitoria (reitora, pró-reitora ou diretora). Notadamente, os sujeitos políticos selecionados possuem relevante papel social em Mato Grosso. Considerando o fato da pesquisa qualitativa tem sido realizada mediante a aplicação de entrevistas, cujos sujeitos políticos chegaram ao auge hierárquico na universidade, neste momento, cabe incorporar as reflexões de Novaes (2007, p. 25) sobre o sentido da “palavra do sujeito falante é contingente, utópica, jamais imparcial ou neutra como quer a política”.

Foi analisado o processo de implantação da IES até tornar-se universidade; as principais características de sua estrutura institucional; o papel na sociedade mato-grossense; os principais espaços de alianças, de tensões, de lutas, de disputas e de conflitos entre os sujeitos políticos reveladas nestas três décadas de existência; e as perspectivas institucionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antecedentes da UNEMAT: a luta pela implantação

Os antecedentes do projeto da UNEMAT são marcados pela influência de dois grupos distintos: um originário no Projeto Rondon e o outro composto por professores da rede de

4 Para a dissertação, foram realizadas vinte e três entrevistas que duraram, aproximadamente 30 a 45 min. Vários entrevistados colaboraram disponibilizando documentos particulares, material mimeografado e fotografias para compreensão do processo histórico da universidade. Os entrevistados não demonstraram constrangimento algum em relatar os momentos mais difíceis que resultaram nos acirrados embates. Com exceção das duas primeiras entrevistas cuja duração média foi de 1h e 20 min, em dias diferentes para clarificar melhor alguns momentos e dados, as demais tiveram duração de aproximadamente 40 minutos. O perfil dos informantes-chave selecionados era composto por: vinte e um professores, desses 17 foram reitores ou pró-reitores, dois deles ex-aluno e um aposentado; um técnico administrativo e um ex-secretário de Estado; quatorze homens e nove mulheres. Eles possuíam faixa etária entre 35 e 65 anos, 14 eram doutores e 10 eram mestres.

5 As letras “SP” significam sujeitos políticos e o número posterior a tais letras (1, 2, 8, 22) representam a ordem em que foram realizadas as entrevistas.

ensino público de Cáceres.⁶ Tais grupos disputam a autoria da ideia de criação da primeira instituição de ensino superior do município – o IESC ratificado pelos estudos de Rieder (2007) e Zattar (2008). Houve de fato influência do Projeto Rondon, de acordo com o depoimento de um dos entrevistados.

[...] tenho para mim que o Projeto Rondon foi a primeira célula que se tornou essa idéia do ensino superior. Como é que ficaria Cáceres depois que esses alunos que vinham com todo aquele gás do Sul do Brasil, que tem toda aquela cultura diferenciada? Como ficaria? E, em consequência disso, muitos desses professores, desses alunos que faziam parte do Projeto Rondon, que depois se formaram e vieram para cá e se estabeleceram. Muitos se casaram por aqui, constituíram família. Então foram profissionais que já vinham com outra cabeça. Era esse ambiente propício a começar a gestar a idéia do ensino superior (SP 1).

No período em que o Projeto Rondon começou a ser executado, ressalta-se que o país estava no auge do regime militar, e Cáceres, região de fronteira, assim como várias outras cidades, possuía constante vigilância por parte do exército.

A gente estava saindo, praticamente, da ditadura militar, e essa região é muito militarizada, e a gente ficava assim meio que vigiado, o próprio movimento estudantil trazia pessoas para fazer palestras, conferências, e isso tudo era monitorado pelo quartel, e eles seguravam lá a carteira de identidade da gente (SP 8).

Foi nesse contexto que ocorreu a implantação do IESC (1978), o qual ofertou 220 vagas nos cursos de Licenciatura Plena em Letras e Estudos Sociais, e todas as suas denominações subsequentes – Fundação Centro Universitário de Cáceres (FCUC 1985), Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres (FCESC 1989), Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (FESMAT 1992) e Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT 1993) –, o que vai representar um “divisor de águas”, que permite “fixar o homem na Região e contribuir para o fortalecimento da identidade cultural da Instituição e da sociedade” (ZATTAR; TEIXEIRA; ARTIOLI, 2008, p. 37), além de fortalecer as solicitações dos sujeitos políticos envolvidos que buscavam diferentes estratégias de manutenção da IES, entre as quais sua encampação ou federalização.

IESC: tentativas de encampação e federalização

Diante das inúmeras dificuldades, financeiras e relativas ao corpo docente, logo nos primeiros anos do IESC, criado pela Lei Municipal nº 703, de 20 de julho de 1978, teve início

6 Muitos foram os que contribuíram para a criação do IESC: (ex)alunos, (ex)docentes, (ex)técnicos administrativos, políticos e comunidade em geral. Não obstante, neste artigo, consideraram-se como *idealizadores* o grupo composto por: Arno Rieder (4º reitor: 1998-2002); Edivaldo dos Reis Vieira Silva (1º diretor do IESC: 1978-1980); Ernani Martins (prefeito municipal à época); João Porto Rodrigues (docente); Dr. José Rodrigues Fontes (ex-prefeito municipal); Luttgards Saavedra (docente); D. Máximo Biennés (bispo da diocese de Cáceres); Miriam Moreira Menezes (2ª diretora do IESC: 1980-1981); Neuza Benedita da Silva Zattar (2ª coordenadora *pro tempore* da FCUC: 1989), que, ora juntos, ora separados, criaram e lutaram pela instituição nas últimas três décadas. Convém destacar o papel do 1º reitor (1989-1994), Prof. Carlos Alberto Reyes Maldonado, na elevação à condição de universidade – UNEMAT.

um movimento em defesa da sua encampação pela UFMT.⁷ Esse movimento foi liderado pelos sujeitos políticos cacerenses, que ansiavam pela permanência do ensino superior na região, conforme depoimentos de entrevistados: defender

[...] assim que eu terminei o curso [de Letras] em 1985 eu fui convidada para lecionar porque tinha uma carência enorme de professor aqui. O lugar estava começando com aquela avalanche migratória que houve na segunda metade do século XX, e uma demanda muito grande e muito poucos professores, então eu fui imediatamente convidada para trabalhar. Fui para Minas, fiz um curso de especialização e comecei já no ano seguinte, em 1986. Na faculdade na condição de estudante, ainda, eu participei dos movimentos estudantis. Não tinha DCE, era DA - Diretório Acadêmico. [...] eu era estudante ainda e a gente brigava para o IESC não ser vendido, porque quando ela estava na condição de municipal, cogitou-se vender o IESC para uma faculdade [...] nós persistimos, brigamos e criamos o S.O.S IESC, que foi um movimento muito forte que reuniu professores e alunos. [...] a gente tinha os objetivos muito claros, primeiro não deixar de ser público, segundo expandir, garantir uma outra inscrição jurídica para ele sair dessa coisa de ser um quintalzinho da prefeitura. A gente estava topando qualquer coisa, então topava ser um satélite da UFMT. [...] o S.O.S. IESC foi parar em Brasília; a gente ia lá falar com o ministro e procurava mobilizar forças políticas aqui. Ninguém ligava muito para a Instituição (SP 8). [...] foi toda uma luta interna, com a participação de alunos, professores. Os alunos eram muito atuantes na época. Então se começou a lutar por essa encampação do IESC [...] (SP 1).

Apesar dos esforços dos cacerenses, a encampação do IESC pela UFMT não se efetivou, devido aos interesses e a impedimentos alegados pelos gestores da UFMT na época (Decreto Lei nº 86.000, de maio de 1981), o que gerou consequências e um correspondente afastamento entre ambas universidades.

Duas décadas mais tarde o primeiro governador sulista da história de Mato Grosso, Blairo Borges Maggi – desconhecendo os detalhes da tentativa de encampação do início dos anos 1980 – sugeriu, em seu primeiro mandato (2003-2007),⁸ a federalização da UNEMAT.

[...] governador estadual [Blairo Maggi], no início da sua gestão, ele foi a Cáceres e foi recebido com certa hostilidade quando ele fez a proposta de federalizar. Parece que ele começou a dizer: ‘eu não entendo, mas por quê? Eu não estou oferecendo uma coisa boa?’ Depois ele entendeu que é algo que foi conseguido com tanto sacrifício e agora passar de mãos e vamos nos submeter ao incerto e a um novo risco e com dificuldade de negociação, porque uma das vantagens que essa sociedade vê, é que ela na hora em que ela precisa pressionar politicamente, negociar politicamente, ela está no ambiente onde isso acontece, e federalizar significaria uma distância e dificuldade de acesso a Brasília (SP 21).

Devido à proximidade política com o governo Lula, a ideia de federalização proposta por Maggi, pode ser interpretada como reflexo do movimento nacional de criação de novas IFES pelo governo federal. Contudo, não houve aceitação dessa ideia em Cáceres, pois, nas duas décadas anteriores, muitas já haviam sido as lutas e disputas na “arena local” que marcaram a trajetória do IESC à UNEMAT.

⁷ Zattar (2008) resgatou documentos oficiais e jornalísticos, a partir de 1978, sobre a encampação (federalização) do IESC.

⁸ O episódio ocorreu num debate entre políticos e intelectuais na Amazontech. O referido debate ocorreu em 15 de agosto de 2004 em Cuiabá.

Fundação Centro Universitário de Cáceres (FCUC): Manutenção estadual e os conflitos

Ao estudar a trajetória do IESC, é possível afirmar que, após ser transformado em FCUC (Lei Estadual nº 4.960, de 19 de dezembro de 1985), passando a ser mantido pelo Estado de Mato Grosso e ganhar um coordenador *pro tempore*, Mário Leite Vidal Filho (Decreto nº 1850, de 12 de fevereiro de 1986), seu desenvolvimento deveu-se mais à força das circunstâncias geradas pela luta de seus sujeitos políticos do que pelo planejamento consciente/estratégico. Como afirmam Maciel e Bittar(2005, p. 87), “a universidade é cenário de diferentes realidades, de contradições e embates políticos e teóricos”.

Problemas administrativos provocaram o acirramento de embates que levaram à queda do referido coordenador indicado pelo governo do estado.

[...] quando o IESC deixou de ser IESC e passou para o estado, abriu um fluxo de recursos naturalmente, e a gente com aquela expectativa de sedimentar a instituição e tudo... [...] o governador nomeou para cá um coordenador de Cuiabá e daí todo um plantel administrativo para a instituição. E não mudou muita coisa, porque continuou aquela incipiência, aquela pobreza, aquela precariedade. E nós descobrimos uma corrupção muito grande por parte deste grupo [...] e foi quando a gente desencadeou essa luta [...], para tirar aquele pessoal daqui e conseguimos. [...] foi uma guerra, porque ele era muito bem situado politicamente lá em Cuiabá, esse coordenador. Quando nós conseguimos, nós nos vimos obrigados a assumir então a administração (SP 8).

Os entrevistados também destacam, entre os pontos de tensão com a referida gestão, a dificuldade de contato e ausência frequente: “o coordenador não residia na cidade, ele residia na capital. Geralmente, nos finais de semana, às vezes uma semana ele ficava aqui. E nós queríamos a presença dele (SP 2); e sua origem e ligação com outras instituições: “ele era funcionário e professor da UFMT. Ele tinha uma ligação com a UFMT e a Secretaria de Educação, e ele veio de indicação junto ao governo” (SP 8).

No relato de um dos professores que, na época, havia chegado da região sul, evidenciase esse contexto.

Quando eu cheguei estava uma briga... eu cheguei aqui no momento em que as pessoas estavam questionando a forma de coordenação do diretor da instituição que morava em Cuiabá, [...] e dirigia aqui. Então era um processo, um levante que estava havendo contra a atuação dele, [...] ele não atendia, e a instituição cheia de gente querendo crescer e ele não podia ficar aqui em Cáceres, ele estava sucateando a instituição, ele levava dinheiro, fazia desvio de investimentos que o estado fazia aqui pela instituição (SP 2).

Essa conduta, considerada duvidosa e arbitrária até por ex-alunos – “[...] ele exercia um poder soberano na universidade e ele transgrediu qualquer norma, qualquer regulamento, qualquer critério” (SP 21) – ocasionou uma cisão na FCUC, como descreve um dos entrevistados:

E nesse levante a gente acabou por dividir o grupo de professores: nós éramos 40 professores, sendo 17 professores somados com a missão de enfrentar a corrupção instalada aqui dentro. Os outros preferiram não se manifestar ou ficaram numa po-

sição contrária a ele. Fomos todos demitidos depois; aí veio a auditoria pública do estado que constatou as irregularidades. Todas as denúncias foram comprovadas. Nesse bojo de reivindicações, uma delas era a eleição, porque naquele momento era uma escolha de uma lista: mandavam-se três nomes e desses três nomes o governo escolhia um; aí a gente acabou com isso (SP 2).

Nessa fase da FCUC, é possível constatar o surgimento de dois grupos que, em momentos alternados e se mesclando, vão disputar o poder até o final da década de noventa. Abre-se, assim, um precedente acerca do tipo de estratégia que será utilizada pelos grupos opositores às futuras gestões.

Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres (FCESC): Rupturas e possibilidades para expansão

O grupo que assumiu a gestão da FCUC, comandado pelo Prof. Carlos Alberto Reyes Maldonado, vai conduzi-la a uma nova etapa, em que é instalada a Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres (FCESC) (Lei Estadual nº 5.495, de 17 de julho de 1989).

A gente conseguiu reestruturar a instituição naquele momento, colocá-la numa ordem do dia no estado, de ser uma instituição do estado. Teve a primeira estatuinte, a construção do estatuto com a participação de todos os segmentos, a escolha pelo voto universal. Nós fomos a primeira instituição a ter voto universal e não paritário para a escolha do seu reitor; então o aluno tinha o mesmo peso que o professor, que o funcionário. A nossa identidade nasce aí, de se propor a ser uma instituição do interior para o interior [...] (SP 2).⁹

Este momento marca o que se considera o início da expansão do ensino superior público estadual (rumo ao interior), representado pela criação de um núcleo de ensino superior na cidade de Sinop (Decreto Estadual nº 2.720, de 09 de julho de 1990).

O anseio da sociedade para que a instituição se instalasse nos municípios, por intermédio dos distintos projetos, levando o ensino superior, era o elo que unia os docentes para enfrentar os obstáculos. Assim, o ingresso do município de Sinop no cenário do ensino superior mato-grossense possibilitou a inserção de novos sujeitos políticos no contexto educacional local (os sulistas residentes em Sinop). Esses agentes foram, gradativamente, compor um novo grupo que se fortaleceu nos anos seguintes, com a elevação de Sinop à categoria de *campus*, vindo inclusive a rivalizar com Cáceres.

Posteriormente a instalação do Núcleo de Ensino Superior de Sinop (julho de 1990), a FCESC realizou, em Cáceres, o I Seminário de Expansão do Ensino Público Superior

⁹ O voto universal vigorou na UNEMAT até o II Congresso Universitário, ocorrido em dezembro de 2008, quando foi alterado para paritário. No entanto, conforme notícias de 20/09/2009 no site da universidade anunciam que o Conselho Curador da UNEMAT rejeitou o voto paritário, forçando a instituição a voltar ao antigo sistema – o voto universal. Nas universidades brasileiras existem três tipos de voto: misto, em que o voto dos professores tem o peso de 70%, completados pelos 15% referentes aos servidores técnicos-administrativos e 15% aos estudantes; paritário, em que os professores, estudantes e técnico-administrativos têm o peso de 1/3 cada; e universal, no qual os estudantes têm peso maior, uma vez que os critérios adotados são meramente quantitativos: escolhe-se o candidato que tiver o maior número de votos. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2004/09/06.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2009.

Estadual (dezembro de 1990). Nesse evento, “após amplas discussões, deliberou-se sobre a implantação dos Núcleos de Ensino Superior nos municípios de Alta Floresta, Alto Araguaia, Nova Xavantina, Pontes e Lacerda, além do Núcleo de Apoio Didático-Pedagógico do Médio Araguaia, com sede em Luciara” (ZATTAR; TEIXEIRA; ARTIOLI, 2008, p. 38). Os núcleos foram então criados em 02 de setembro de 1991 (Resolução nº 023/91, do Conselho Curador da FCESC, homologada pelo Decreto Estadual nº 644/91, de 23 de setembro de 1991).

De acordo com o relatório do seminário, os principais objetivos consistiam em: (a) discutir a formulação de uma política de ensino superior para o estado de Mato Grosso; (b) estabelecer critérios para a formação de regiões educacionais; (c) definir cronograma de instalação de novos núcleos regionais de ensino superior; (d) indicar, na região geoe educacional estabelecida, o município que sediará o núcleo regional; e (e) estabelecer, qualitativamente e quantitativamente, a participação consorciada das regiões envolvidas.

As principais decisões foram: (a) demanda de alunos de 1º e 2º graus: mínimo de 200 alunos de 2º grau no município-sede e 400 na região, onde não houvesse IES; (b) garantia legal de recursos orçamentários/financeiros; (c) cumprimento do percentual destinado à educação, estabelecido em lei orgânica; (e) maior distância da sede em relação à instituição de ensino superior mais próxima; (f) estrutura física; (g) número de professores com habilitação em 3º grau; (h) terreno para edificação; (i) estrutura inicial de apoio para o corpo docente e funcional proveniente de outras regiões (Relatório, 1991).¹⁰

Desse evento resultou ainda a proposta de oferta de cursos para professores em exercício do magistério, as chamadas licenciaturas parceladas (iniciativa-piloto), que passaram a ser ofertadas em dezembro de 1992.

A FCESC passou a denominar-se Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (FESMAT) mediante Lei Complementar nº 14, de 16 de janeiro de 1992, com a firmação do acordo de estabelecimento do projeto na cidade de Sinop. Neste momento, a instituição encontrava-se a um passo de transformar-se em UNEMAT. O contexto que cercava a assinatura é relatado por um dos entrevistados:

[...] num desfile, que era aniversário da cidade [de Sinop], ao invés de pedir a UFMT (que era o que o prefeito defendia e levou o reitor para o ato), a população, representada já por quem estava no campus da nossa instituição, solicitava a criação da Universidade do Estado. E isso fez com que o Governador, já pressionado por outras regiões [...] decidisse, no mesmo dia, assinar o que tivesse que ser assinado. Na época, eu andava já com os papéis todos prontos, e estava em Sinop, casualmente, quando o Governador tomou a decisão de assinar. Estava com todos os processos no carro. Foi só descer as caixas, bater fotografia. Ele passou a tarde assinando os papéis. Assim, nasceu a Fundação Estadual de Ensino Superior de Mato Grosso. Eu tinha duas propostas para ele assinar: ou a FESMAT ou a UNEMAT. Ele falou: “A UNEMAT ainda não”. Então assinou a FESMAT. Se ele tivesse decidido a UNEMAT, tinha sido a UNEMAT. Digo isso porque, na verdade, quando se pensa em política pública, está muito distante dessas coisas, que são o que acontecem na prática. Você

10 Deliberações. In: Relatório de Expansão do Ensino Público Superior Estadual, 1991. Mimeo.

pensa sempre em formulações estratégicas, com uma visão prospectiva, etc., mas quando vai para a prática, ela é, muitas vezes, fruto de conjunturas, de ocasiões, de acasos – pelo menos de aparentes acasos. Embora, claro, sempre dependa da mobilização das pessoas, da força das ideias, das condições conjunturais e estruturais de uma época, de um tempo (SP 8).

Após esse acontecimento na cidade de Sinop, a luta para elevação à condição de universidade ganhou força. Alguns docentes, sob a liderança do Prof. Maldonado¹¹ e de sua diretora acadêmica, Prof^a Rosa Maria da Cunha Garcia, organizaram um grupo de trabalho em Cáceres, para realizar estudos sobre a transformação definitiva da FESMAT em UNEMAT. Isso denota a principal característica dos idealizadores da UNEMAT: a determinação em concluir o projeto de universidade, cuja concepção passa a ser apresentada a seguir.

Proposta e projetos contidos na expansão da Universidade do Estado de Mato Grosso

Sucessivas reflexões, ideias e ações vão contribuir para que, em 1993, a FESMAT se transformasse definitivamente em Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) (Lei Complementar nº 030, de 15 de dezembro de 1993). O ato de instalação ocorreu no início de 1994.

Desde a concepção do projeto, a nova universidade permanece vinculada ao sistema estadual de ensino – Secretaria de Educação (SEDUC)¹² – até o ano de 2001, quando finalmente, passa a ser subordinada à Secretaria de Ciência e Tecnologia (SECITEC)¹³ do Estado de Mato Grosso.

O projeto de criação da UNEMAT possuía dois eixos principais: educação e ambiente, conforme as palavras de um dos entrevistados:

Em relação ao projeto, o que a gente pensava originalmente, é que ele teria dois eixos básicos: formação docente, educação, de uma maneira geral, não apenas formar professores, mas entrar na área de educação com peso, e falo da educação básica; e ambiente, por outro lado. Quando você dizia, por exemplo, como foram escolhidos os cursos. Três cursos tiveram uma certa influência pouco democrática nossa: Nova Xavantina, Alta Floresta e Cáceres (que foi a definição do curso de Biologia). Para nós, Biologia era fundamental nesses três polos, porque queríamos ter o Cerrado, a Floresta Amazônica e o Pantanal (SP 8).

O êxito do projeto inicial (instalação), aliado a prerrogativas legais, levou os idealizadores da UNEMAT a pensar em outros projetos de execução possível (inserção local pela educação indígena) e de maior complexidade de execução (integração regional, brasileira e sul-americana em um ambiente globalizado de meados dos anos 1990) projeto Unamérica. A Unamérica foi uma das primeiras iniciativas diferenciadas em relação à proposta inicial da uni-

¹¹ Alguns anos depois, o Prof. Carlos Alberto Maldonado renunciou à função de reitor para assumir a Secretaria de Educação do Estado, à qual a FESMAT estava subordinada. Continuou, dessa forma, colaborando para a criação da universidade. A Prof^a Rosa Maria da Cunha Garcia assumiu a reitoria *pro tempore* por um breve período até a realização das eleições seguintes.

¹² Portaria 196/1999-SEDUC/MT.

¹³ Portaria 20/2001-SECITEC/MT.

versidade. No entanto, pensar em projetos dessa envergadura, baseando-se em Cáceres, não era uma tarefa simples. Era preciso esclarecer seu significado e sua magnitude, já que a relevância era questionada em diversas esferas locais contribuindo para que o insucesso do projeto ocorresse em uma instância maior, o MEC.

Alguns dos projetos ambiciosos, logo no início da UNEMAT, representaram uma alteração na sua proposta inicial. A UNAMÉRICA não vingou, mas o que permaneceu e prosperou foi a educação indígena, que se revelou um dos grandes projetos diferenciados da UNEMAT.

O cenário da expansão

A expansão I, como se denominou neste artigo, foi marcada por duas distintas ações: A primeira consiste na elevação à condição de universidade e a segunda na transformação em universidade *multicampi*. Assim, no decorrer da década de 1990, foram criados os *campi* de: Alta Floresta, Alto Araguaia, Barra do Bugres, Cáceres,¹⁴ Colíder, Juara,¹⁵ Luciara, Nova Xavantina, Pontes e Lacerda, Sinop e Tangará da Serra (ANUÁRIO ESTATÍSTICO UNEMAT, 2007).

Com o apoio do então deputado René Babour, em 1994, ocorreu a inauguração do *Campus* Universitário de Barra do Bugres, “com o oferecimento dos cursos de Matemática, Letras e Ciências Biológicas, vinculados ao Projeto Licenciaturas Plenas Parceladas” (ZATTAR, 2008, p. 49). Posteriormente, nesse *campus*, localizado próximo a Cáceres e Tangará da Serra, congregou outros cursos. Destaca-se que esse *campus* iria, no futuro, sediar o renomado projeto Terceiro Grau Indígena (analisado adiante).

Em 1995, ocorreu outra interferência direta do campo do poder político local na UNEMAT. Contrariamente às decisões que haviam sido tomadas no I Seminário de Ensino Superior e diante de uma situação *sui generis*, a universidade absorveu o antigo Centro de Ensino Superior de Tangará da Serra (CESUT), cuja categoria administrativa era privada (particular em sentido estrito). Esse fato foi consumado em 04 de abril e, em 15 de setembro, foram instituídos os departamentos de Administração, Ciências Contábeis e Letras (ZATTAR; TEIXEIRA; ARTIOLI, 2008).

Por conseguinte, a expansão também se deu mediante a implantação de núcleos pedagógicos que são estruturas ligadas aos *campi* e que têm o objetivo específico de dar suporte administrativo para o curso de turmas especiais estarem funcionando naquela localidade.¹⁶ Os

14 O *campus* de Cáceres dividiu-se, em 2000, devido à inauguração do *campus* universitário Jane Vanini (CONSUNI – DECISUM 059/99, de 1º de outubro de 1999).

15 Cabe salientar que o Núcleo Pedagógico de Juara elevou-se à condição de *campus* somente em 2003, mediante a Resolução nº 14 – CONSUNI, de 18 de junho. Trata-se de um *campus* polêmico, por possuir apenas o curso de pedagogia, apresentar, desde o início, sinais de esgotamento por conta da demanda da região e por sofrer forte influência política do deputado estadual José Geraldo Riva (PP-MT).

16 Apoiou-se no anuário estatístico para o levantamento do número de núcleos pedagógicos existentes em 2007: quatorze (14). No entanto, cabe salientar que há divergências, sobre esse dado, entre os documentos fornecidos pela universidade.

principais núcleos são: Campo Novo do Parecis, Sapezal, Sorriso, Juína, Lucas do Rio Verde, Mirassol D'Oeste, Poconé, Aripuanã e Tapurah.¹⁷

Além dos núcleos supracitados, a UNEMAT possui, atualmente, outros núcleos pedagógicos que se encontram inativos, temporariamente, podendo ser reativados. Trata-se de: Confresa, Jauru, São Felix do Araguaia, Peixoto de Azevedo, Matupá, Terra Nova do Norte, Vale do São Lourenço e Vila Rica.

Contudo, no caso da universidade estadual, “a expansão é um processo que contribuiu para a consolidação da UNEMAT no interior do estado como universidade pública e gratuita” (MEDEIROS, 2008, p. 22). Assim,

Pensou-se no futuro. Pensou-se grande naquele momento histórico que parecia ser uma loucura, que era uma universidade multicampi, hoje é a grande redenção do estado. Eu vejo a UNEMAT como um projeto de estado mesmo [...] (SP 1).

Atualmente, a estrutura da UNEMAT contempla, na sede: uma reitoria (reitor e vice-reitor); seis pró-reitorias (Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, Pró-Reitoria de Ensino e Graduação, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Pró-Reitoria de Gestão Financeira e Pró-Reitoria de Administração); quatro institutos (Instituto de Ciências Naturais e Tecnológicas; Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas; Instituto de Linguagem; Instituto de Administração, Ciências Contábeis e Economia); três faculdades (Faculdade de Educação, Faculdade de Ciências Exatas e Faculdade de Direito); e 44 departamentos. A estrutura organizacional compreende: (a) Congresso Universitário; e (b) Órgãos Colegiados Superiores: Conselho Curador, Conselho Universitário, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Já a estrutura da UNEMAT nos *campi*, contempla:¹⁸ um colegiado superior, que é, por sua vez, composto por uma diretoria político-pedagógica. A diretoria pedagógica conta com as seguintes assessorias: Assessoria Geral Direta, Assessoria de Gestão de Pesquisa e Pós-Graduação, Assessoria de Gestão Pedagógica, Assessoria de Gestão de Cultura, Extensão e Comunicação, Assessoria de Gestão de Assistência Educacional e Comunitária, Diretoria Administrativa e Supervisão de Apoio Acadêmico. Além disso, também há Supervisão de Recursos Humanos, Supervisão de Processamento de Dados, Supervisão de Biblioteca e Supervisão de Apoio Administrativo.

Dessa forma, uma estrutura complexa acarreta algumas dificuldades, citadas, abaixo, por SP 1:

17 Fonte: Diversos Documentos Institucionais, entre os quais: Relatórios de Gestão da UNEMAT (2006), PDI (2007). E as seguintes Resoluções: 021/2007, *ad referendum* do CONSUNI, homologada pela 037/2007, de 20/12/2007; 009/2004, *ad referendum* do CONSUNI, homologada pela 018/2004, de 16/12/2004; 016/2007, *ad referendum* do CONSUNI, homologada pela 036/2007, de 20/12/2007; 015/2006, *ad referendum* do CONSUNI, homologada pela 014/2006, de 08/08/2006; 026/2007, *ad referendum* do CONSUNI, homologada pela 038/2007, de 20/12/2007; 027/2007, *ad referendum* do CONSUNI, homologada pela 039/2007, de 20/12/2007.

18 Tomou-se como referência a estrutura hierárquica do *campus* de Sinop (PDI, SINOP).

[...] administrar, hoje, a UNEMAT é um grande desafio. Porque você administra regiões distintas e culturas diversificadas, cabeças que pensam em todas as circunferências possíveis e imagináveis. É muito complicado. Para ter uma única administração centralizada, é muito complicado (SP 1).

Uma universidade *multicampi*, juntamente com todas as características históricas já mencionadas, contribui para o surgimento de conflitos. Além disso, ficou constatado que, de fato, alguns *campi* possuem mais infraestrutura, mais força política que outros. Não há igualdade de forças entre os *campi*, nem entre os *campi* e a sede. Constatou-se que há, inclusive, disputa entre o *campus* de Sinop e a sede Cáceres.¹⁹

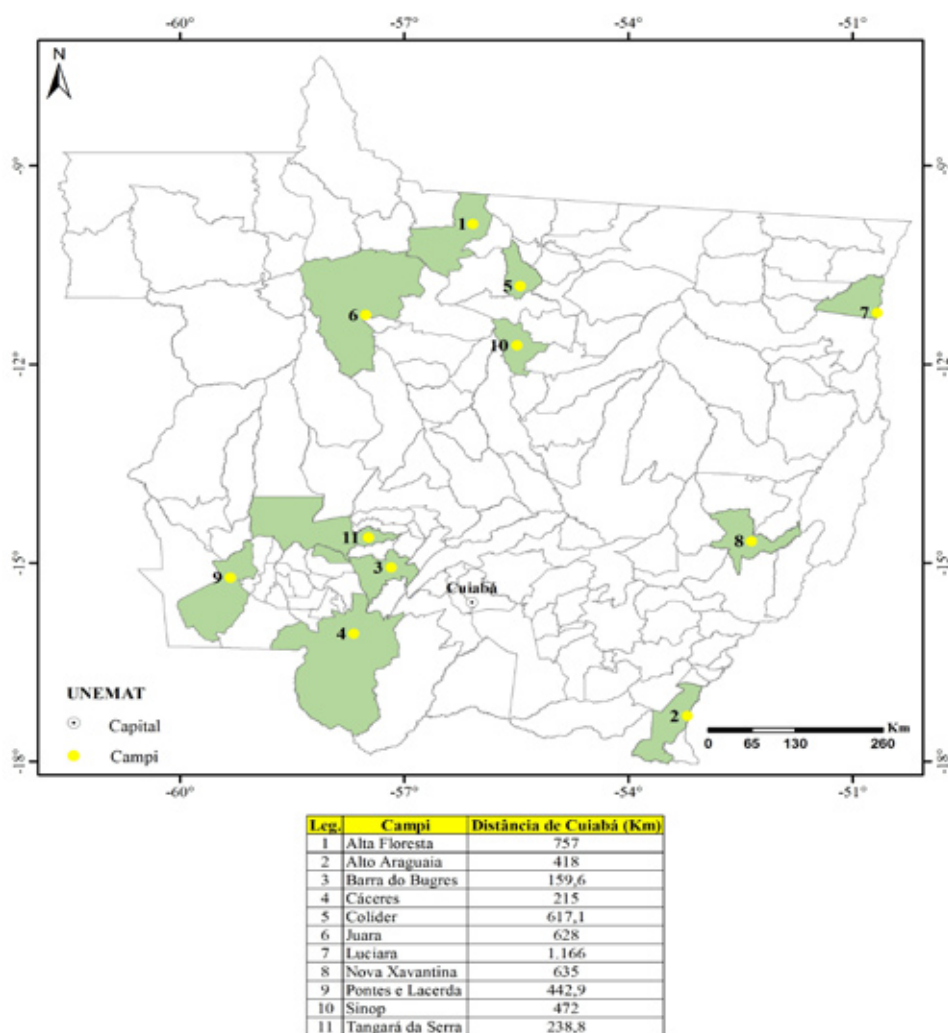
A universidade constitui-se, assim, num *campo*, num espaço de tensões interinstitucionais (prefeitura *versus* UNEMAT *versus* UFMT) no qual há múltiplos interesses em jogo, e os jogadores (nesse caso, professores) jogam e atuam a partir de posições já consolidadas (coordenadores, pró-reitores); lutam para conservar ou conquistar mais posições (tanto no plano pessoal quanto no plano institucional).

Ainda que o *slogan* mais usado seja “Do Interior para o interior”, há discussões e reflexões acerca de uma provável alteração geográfica da sede administrativa, com a criação de um *campus* em Cuiabá ou em Várzea Grande. Esta questão une pessoas com interesses distintos aos dos fundadores da universidade: para uns, o interesse particular de morar na capital; para outros, a possibilidade de descentralizar e dar maior agilidade aos assuntos administrativos da universidade. De qualquer forma, o interesse dos sujeitos políticos é de dupla face, isto é, lutam por seus interesses pessoais, porém atribuindo-os como coletivos.

Especialmente, as lutas no interior da universidade, revelam, também, que existe a necessidade de estabelecer mais diálogo entre a reitoria (localizada na sede em Cáceres) e os demais *campi*. Além da sustentação de teses referentes à descentralização para o próximo congresso universitário.

¹⁹ Cabe salientar que, atualmente, os dois presidentes dos sindicatos (ADUNEMAT e ATUNEMAT) estão lotados no *campus* de Sinop.

Figura 1: Mapa da localização dos *campi* Universidade do Estado de Mato Grosso (2008)



Elaboração: Laboratório de Geotecnologias/Grupo de Pesquisa: SERPEGEO - UNEMAT

Fonte: Laboratório de Geotecnologias/Grupo de Pesquisa: SERPEGEO-UNEMAT.

O mapa ilustra as cidades em que a UNEMAT possui seus onze *campi*, sendo Luciara a cidade mais distante da capital (1.166km) e Cáceres a mais próxima (215km).

Isto posto, é relevante uma breve análise da gestão 1996-1998, na qual ocorreram importantes acontecimentos, como, por exemplo, o I Congresso Universitário²⁰ em Cáceres. Esse seminário aconteceu em 1996, com a participação de 133 delegados (ZATTAR, 2008), e coincidiu com o início do mandato da Prof^a Ilma Ferreira Machado, representante da ADUNEMAT, eleita democraticamente.

Cabe destacar o distinto momento histórico pelo qual a universidade passava. Pela primeira vez, havia sido eleito um docente que não pertencia ao antigo grupo fundador do IESC. Isso resultou em um novo perfil de gestão da reitora e de sua equipe, como observado na entrevista a seguir.

²⁰ O II Congresso Universitário ocorreu em dezembro de 2008, nas dependências do Hotel Fazenda Mato Grosso, em Cuiabá. Para além da observação nas plenárias e grupos de trabalhos, entrevistaram-se, nesse evento, os últimos sujeitos políticos selecionados, dando por encerrada a pesquisa de campo.

Nós éramos oriundas do movimento sindical, movimento social, movimento docente; a professora Ilma tem uma trajetória no movimento docente, e como nós advogávamos e lutávamos por uma universidade que não fosse nesse modelo dos interesses regionalizados, dos interesses que aprisionavam a universidade a um poder político local, nós enfrentamos grande pressão desses grupos. Porque eles eram extremamente ofensivos em relação à direção da universidade e recebendo visitas constantes de deputados, de vereadores, de prefeitos. Foi realmente um período curto, mas de extrema tensão em relação à universidade (SP 1).

Na confrontação de ideias sobre os conflitos mais intensos na universidade, tem-se, abaixo, o posicionamento de atuais e antigos integrantes do sindicato.

[...] o conflito ali dentro é sindicato e reitoria. [...] Depois veio a professora Ilma, aí foi aquele sossego absoluto. Uma inoperância, uma inércia, uma coisa, depois veio então o professor Arno, foi outra avalanche e depois o Taisir. Então... aquele hiato da professora Ilma deixou muito claro, meio que esclareceu essa minha leitura, sabe [...] (SP 8).

A partir das entrevistas, é possível constatar que: (a) diante da nova experiência de ter uma representante legítima, o sindicato apoiava a reitora na gestão 1996-1998, suavizando as críticas; (b) ocorre uma (re)engenharia do antigo grupo (“17”) com o objetivo de voltar ao poder. A partir de então, a UNEMAT passou a ter, definitivamente, diferentes grupos que ora estabeleciam alianças, ora travavam lutas em defesa de seus ideais.

A gestão da Prof^a Ilma Ferreira Machado, conhecida por mandato tampão, durou apenas 20 meses. Durante esse período, não houve expansão da universidade e, sim, a continuidade do projeto-piloto das Parceladas. A reitora candidatou-se à reeleição, no entanto, perdeu por uma pequena diferença de votos. Ao final do mandato da reitora, era nítida a cisão no movimento, em virtude de conflitos referentes a assuntos administrativos que frearam o ritmo de expansão da UNEMAT.

Contudo, convém registrar que foi em seu mandato que teve início a realização dos primeiros cursos de Mestrado Interinstitucional – MINTER, (1º Linguística - UNICAMP/CAPES/UNEMAT, em 1998; 2º Ecologia – INPA/CAPES/UNEMAT, em 1998) (ZATTAR, 2008).

Após um período de estagnação, em que apenas foram concluídas as antigas atividades expansionistas, tomou posse, em Cáceres, o novo reitor, Prof. Arno Rieder. Este momento foi chamado de Expansão II.

No período que compreendeu sua gestão, de agosto de 1998 até outubro de 2002, ocorreram – além de inúmeros projetos expansionistas – disputas pela sucessão, conflitos com o governo do estado e alianças com sujeitos políticos da universidade. Apesar de não pertencer ao antigo grupo dos “17” e, sim ao grupo dos “23”, foi em sua gestão que houve duas significativas alianças: a primeira, na ocasião da campanha eleitoral, diz respeito ao apoio do grupo que havia iniciado o expansionismo; a segunda, no final de sua gestão – momento de profunda crise institucional – com o sindicato (ADUNEMAT).

A UNEMAT criou distintos projetos²¹ que visavam à demanda reprimida: Licenciaturas Plenas Parceladas, Turmas Especiais, Ensino a Distância (EAD), Pedagogia aos Educadores da Reforma Agrária, Projeto de Formação de Professores Indígenas – 3º Grau Indígena –, Módulos Temáticos, Agronomia para os Movimentos Sociais do Campo.

O último momento consiste na Expansão III que aprimorou os recursos físicos e humanos, mediante a implantação da verticalização através da pós-graduação *stricto sensu*. Com a expansão da graduação por intermédio dos *campi* e dos diversos projetos já mencionados, a UNEMAT se fez presente em praticamente todas as regiões de Mato Grosso até o final do século XX. Já no início deste século, a universidade vai então buscar o fortalecimento de seus recursos físicos e humanos, por meio de uma expansão verticalizada.

Em 2002, assume a reitoria o Prof. Taisir Mahmudo Karim, primeiro reitor a se graduar na própria universidade. Deu continuidade, ao longo das duas gestões (2002-2006; 2006-2010), ao processo de expansão principalmente na pós-graduação *stricto sensu*. A verticalização foi necessária devido às exigências da LDB de que o corpo docente universitário fosse composto por um terço de mestres e/ou doutores e com dedicação integral.

A UNEMAT precisava encontrar uma estratégia para qualificar o seu corpo docente, quantitativamente e qualitativamente. Atuando em duas frentes: (a) estabelecer parcerias mediante convênios com outras universidades (programas de pós-graduação - PPG), com o objetivo de enviar grupos de docentes para a realização dos mestrados interinstitucionais (MINTER) e/ou doutorados interinstitucionais (DINTER); (b) enviar ou liberar isoladamente docentes para qualificação em diferentes PPGs. Em ambas as alternativas, os docentes poderiam ter bolsas de estudo financiadas por agências (FAPEMAT ou CAPES, por exemplo) ou receber o salário integral – a depender dos acordos estabelecidos entre as universidades.

As alternativas encontradas para sanar os problemas iniciais em relação ao corpo docente deram condições para a universidade pudesse criar seus próprios cursos de mestrados, bem como grupos de pesquisa que atuam em diversas áreas do conhecimento.

De acordo com Zattar (2008), as primeiras iniciativas foram, em 1998, com a UNICAMP, em Linguística e INPA, em Ecologia; e em, 2000 com a USP, em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa e UFRGS, em Educação.

[...] Os desafios eram: levar o acesso ao ensino superior para a educação no Mato Grosso e a qualificação docente que a gente não tinha. Nós tínhamos professores apenas graduados e esses professores é que estudavam e aí começamos a fazer daí parceria com as instituições nacionais de renome, nós temos grandes relações com a UNICAMP, com a USP, com a UNESP, com a UFRGS, com o INPA que é o Instituto da Amazônia, com São Carlos que também tem um foco no ambiente, e essas instituições começaram a fazer parte da nossa vida, começaram a nos qualificar, e através daí nasceram os MINTER's, nasceram os DINTER's e depois. Recentemente, há uns dois ou três anos para cá, a gente já começa a instalar os programas de pós-graduações próprios. O desafio era o de interiorizar e o de fazer com qualidade, começamos então a buscar a qualificação para isso (SP 2).

21 Para uma discussão detalhada e aprofundada, ver: MEDEIROS (2008).

Com o aprimoramento profissional, o professor universitário pode, então, desenvolver seu papel de intelectual, mediante novas ações e relacionamento/pertencimento com novos grupos sociais. Assim, “como todo grupo local, o agrupamento de que fazem parte liga-se fortemente a símbolos, com relação aos quais seus membros consagram pertencimento e se reportam em suas atividades criativas” (COLLINS, 1998, p. 27).

De acordo com a sinopse estatística da educação superior 2007, a universidade estadual possuía o número de 396 mestres e 111 doutores afastados ou em exercício. Havia quatro cursos de pós-graduação *stricto sensu*, sendo 03 mestrados (02 interinstitucional) e um doutorado (interinstitucional) com total de 105 matriculados.

Os mestrados acadêmicos institucionais propostos pela própria UNEMAT são: a) na área de ciências ambientais, na sede, em Cáceres, com 37 alunos; b) na área de ecologia e conservação, no *campus* de Nova Xavantina (não há divulgação do número de alunos); na área de estudos literários, no *campus* de Tangará da Serra e em linguística, na sede em Cáceres (não há divulgação do número de alunos).

É interessante ressaltar os seguintes dados referentes aos MINTERS e DINTERS, ocorridos a partir de 2004:

- MINTERS: a) mestrado interinstitucional na área de matemática aplicada (proponentes UNEMAT/UNICAMP), cuja realização ocorreu na sede em Cáceres, teve 18 alunos; b) mestrado interinstitucional na área de ciências da computação (proponentes UNEMAT/PUC), cuja realização ocorre no *campus* de Barra do Bugres, possui 25 alunos e encontra-se em andamento; c) mestrado interinstitucional na área de engenharia de produção (proponentes UNEMAT/UFSCAR), cuja realização ocorre no *campus* de Tangará da Serra, não foi divulgado o número de alunos; d) mestrado interinstitucional na área de Ciências Sociais (proponentes UNEMAT/UNISINOS), que está ocorrendo no *campus* de Sinop, desde 2009.
- DINTERS: a) doutorado interinstitucional em ecologia e recursos naturais (proponentes UNEMAT/UFSCAR), cuja realização ocorreu na sede em Cáceres, teve 25 alunos (concluído); em linguística (proponentes UNEMAT/UNICAMP), cuja realização ocorre na sede em Cáceres, não foi divulgado o número de alunos; doutorado em educação (proponentes UNEMAT/UFRGS-PPGEDU 2009), que está ocorrendo no *campus* de Sinop e doutorado em cooperação científica e tecnológica em ecologia e recursos naturais (proponentes UNEMAT/UFSCAR), que está ocorrendo na sede em Cáceres, desde março de 2010.

A UNEMAT e o campo político mato-grossense

Com a criação da UNEMAT, Mato Grosso passa a integrar o rol de estados federados que possuem esta categoria de IES, que por sua vez constitui-se em um segmento peculiar do campo do ensino superior brasileiro. Isto porque ao contrário das IFES e das IES privadas,

[...] elas encontram-se fora da alçada do MEC, uma vez que são financiadas e supervisionadas pelos seus respectivos estados, e por se encontrarem exclusivamente sob a supervisão da esfera estadual ficam relativamente à margem do sistema nacional de ensino superior do país (MARTINS, 2000, p. 45).

A vinculação e a supervisão estadual ocasionou interferências políticas, pressionando a universidade a agir e/ou tomar decisões de acordo com os interesses dos políticos, como por exemplo, deputados e prefeitos. Para Schwartzman, a “multiplicidade de interesses e pressões sobre o sistema universitário sempre existiu, e é responsável por fazer da universidade, em todos os tempos e com poucas exceções, centros de grande efervescência e constante instabilidade” (SCHWARTZMAN, *on-line*).²²

A questão das disputas internas na comunidade acadêmica aparece, na tradicional dicotomia discente-instituição, conforme relatado por SP 21:

[...] a minha turma foi a 1ª turma do curso de Letras da UNEMAT, que na época chamava-se Instituto de Ensino Superior de Cáceres [IESC]. O 1º vestibular ocorreu em 1978. Nós ingressamos numa instituição e num curso que não tinha infra-estrutura, nem professores com titulação. Eles estavam aprendendo junto com a gente e muitas vezes isso nos causou sérios problemas com o nosso aprendizado. Por exemplo, professora que dava questionário. Sessenta perguntas, perguntas e respostas para você decorar e depois fazer uma prova. A maioria da nossa turma já eram professores de 1º e 2º graus, por isso nós questionávamos essas práticas. Então, volta e meia havia conflitos entre alunos e professores. [...] A 1ª turma de letras da UNEMAT colou grau sem beca. Em protesto [...] foi uma forma de pressionar, os professores ficaram constrangidos porque nós éramos a 1ª turma e todos esperavam uma formatura cheia de pompas. E quando nós abrimos mão da beca – foi unânime – foi uma forma de pressionar, afinal todos esperavam uma formatura cheia de pompas, então o 1º curso da instituição já nasce com a 1ª turma protestando... (SP 21).

Esta reivindicação vai ao encontro da argumentação de Chauí (2007, p. 52) “A marca da democracia moderna encontra-se no fato de que somente as classes populares e os excluídos (as “minorias”) sentem a exigência de reivindicar e criar novos direitos”.

E surge, igualmente, entre os grupos docentes que se alternam tanto na gestão da universidade, quanto no sindicato dos docentes. Segundo declaração de SP 8:

[...] quando fundamos o sindicato dos professores [...] militávamos no PT naquele momento. O PT desempenhou um papel importante, na política do país que era sedimentar, consolidar uma democracia que estava saindo da UTI, e nós criamos esse sindicato e paralelamente nós fortalecemos o partido em Cáceres. Então, criamos um Centro de Direitos Humanos que funciona até hoje e estruturamos o partido. Então nós fazíamos um trabalho, além da universidade, fazíamos um trabalho popular; íamos para a zona rural, trabalhávamos com grupo de mulheres, com grupos de trabalhadores rurais, pequenos produtores, jovens e fomos criando pastorais da Igreja, pastoral carcerária, pastoral da criança, a gente foi estruturando isso aqui e foi criando outros sindicatos comerciais, sindicatos da construção civil. [...] Quando o partido começou a ganhar uma outra cara e a universidade começou a receber gente a partir do 1º concurso em 1990, vieram algumas pessoas com umas cabeças muito diferentes com aquela efervescência das correntes políticas dentro do PT, com

22 Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon>>. Acesso em: 19 mai 2010.

aquelas brigas internas, aquelas coisas e eu comecei a me desencantar com aquilo. O mundo foi andando e esse pessoal não tirou o pé lá da década de 1970, umas cabeças muito, muito atrasadas e o próprio sindicato começou a ganhar uma outra característica...

[...] eu ajudei a fundar esse sindicato e hoje eu não sou sequer filiada, também saí do PT em 1995, me desfiliei do PT por absoluto desencanto [...] o sindicato esquece que o nosso patrão é o governo, eles começam a bater de frente com a reitoria, com a administração. [...] É] uma política ruim é uma política do bate de frente, muito apaixonada e muito pouco acadêmica, muito pouco responsável, entende? [...] eles vão bater na reitoria, e criam um clima horroroso (SP 8).

As presunções podem ser percebidas de algumas maneiras, como, por exemplo, nos projetos de capacitação de profissionais de educação básica e fundamental, onde parece haver interesses nessas iniciativas expansionistas com propósitos eleitorais.

[...] A expansão dos cursos surge por necessidade de consolidar o campus na região, ela se dá por interesse político das lideranças (prefeitos e deputados). E tem também o motivo interno. Os coordenadores queriam votos por que quanto mais curso mais aluno e mais professores. Eu me lembro de um coordenador ele contabilizava o número de alunos por que por número de alunos ele tinha mais poder dentro dos conselhos. O CONEP, o CONSUNI. Ter mais alunos era mais vantagem (SP 21).

Relatos desta natureza remetem à questão da disputa de poder, e, por esse motivo, cabe, aqui, retomar o que afirma Bourdieu sobre campo do poder.

*[...] campo de poder [...] entendendo por tal as relações de forças entre posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social – ou de capital – modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder, entre as quais possuem uma dimensão capital as que têm por finalidade a definição da forma legítima do poder (BOURDIEU, 1989, p. 29).*

A relação governo e universidade agravou-se com as polêmicas “leis gêmeas” que deflagrou uma profunda crise na UNEMAT. Conforme Zattar (2008, p. 14), “a publicação da Lei Complementar nº 101, de 11/01/2002, que ao definir a área de atuação da UNEMAT, interferiu inconstitucionalmente na autonomia da Universidade”. Segundo Bignoto (2007, p. 87) “[...] nem sempre os membros de uma comunidade nacional são capazes de distinguir o que são valores e o que são interesses poderosos de grupos travestidos em leis”.

Esta lei extinguiu todos os cursos de bacharelados, permitindo apenas a existência das licenciaturas.

[...] Um movimento grande de repercussão estadual foi o da lei 101. E o resultado foi imediato, foram dois dias, três dias foram lá e mudaram o artigo. [...] Aqui em Cáceres foram para BR por que eles queriam dar visibilidade ao movimento. Saíram na televisão [...] os políticos que eram oposição do governo da época tiraram proveito da situação. Ficaram na frente junto com os alunos, apareceram na mídia. O Pedro Henri tirou proveito político desse evento. [...] até então os políticos locais, eram mais contra do que a favor. Eu tenho esse exemplo de que a prefeitura virava as costas para nós, aqui para a universidade (SP 21).

Até a elaboração da mencionada lei, todos os funcionários da universidade (professores e técnicos) não eram exclusivamente da universidade – eram funcionários do estado – podendo a qualquer momento ser transferidos. A referida lei abrangia o plano de carreira dos professores e também a área de atuação da universidade. Logo a seguir foi promulgada a Lei 101, que era uma espécie de lei gêmea.

A crise instaurada na UNEMAT, pela promulgação destas leis, refletiu-se na administração da UNEMAT, na qual quase resultou na deposição do reitor. Neste sentido Leopoldo e Silva (2007, p. 131) afirma que [...] “a política e a ética permanecem como preocupações relevantes no mundo moderno e na nossa contemporaneidade. [...] do ponto de vista ético, podemos dizer, de modo simples e resumido, que a passagem à modernidade traz, entre outras características morais, a predominância dos interesses sobre as paixões”.

Houve, então, um consenso entre distintos setores da universidade, resultando na aliança entre grupos rivais em defesa da permanência do Prof. Arno Rieder, que também havia sido eleito democraticamente.

Quando aconteceu o episódio que um golpe interno por interesses políticos que se aproveitou desse episódio da Lei 101 e que aí que o pessoal... um grupo de opositores radicais do Sindicato e do DCE passou para o meu lado, porque era o momento crítico da universidade em que havia uma tentativa de golpe interno para processo sucessório, e uma boa parte dos golpistas estavam em algumas funções chave na minha gestão, da minha equipe. E o sindicato e o DCE percebeu isso... a intenção golpista e a partir disso começaram a me apoiar. E simplesmente foram todos trocados e a gente nomeou um outro grupo e a partir desse momento passei a ter todo o apoio do DCE e do sindicato (SP 11).

De fato, o episódio das leis gêmeas, como ficou conhecido, transformou a UNEMAT em um campo de batalha, tendo sido uma das maiores crises enfrentadas pela universidade, até então.

Em suma, a UNEMAT, não apenas sobreviveu aos desafios iniciais (de ter nascido no interior de múltiplas naturezas e de nomenclaturas), mas avançou em direção a futura consolidação no estado. E neste processo ficam evidenciadas as iniciativas abordadas neste artigo, as quais relacionam-se com o ideário assumido pela UNEMAT desde sua origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos, os dados e as análises contidos neste artigo, possibilitam o entendimento do processo de origem, transformação e expansão da UNEMAT, bem como os conflitos, as disputas e as alianças que contribuíram para a configuração atual de sua estrutura.

A UNEMAT teve três fases de expansão, denominadas de Expansão I, Expansão II e Expansão III. A primeira foi na gestão do Prof. Carlos Alberto Reyes Maldonado (1989-1996), com a criação dos *campi*, núcleos e abertura de alguns cursos, além de projetos pilotos. A segunda fase foi na gestão do Prof. Arno Rieder (1998-2002), com a criação de diversos projetos e

cursos. E a terceira fase ocorreu na gestão do Prof. Taisir Karim (2002-2010), onde a expansão deu-se através do aprimoramento dos recursos físicos e humanos e no sentido vertical através da pós-graduação *stricto sensu*.²³

Foi possível perceber que a criação de uma universidade pública estadual no interior – por meio da instalação da sede em Cáceres; criação de *campi* e núcleos pedagógicos; e da implantação e implementação de distintas iniciativas – representou a oferta de ensino superior e extensão, tanto em localidades inseridas na nova economia mato-grossense, quanto nas localidades menos favorecidas e quase excluídas socioeconomicamente.

A expansão da UNEMAT auxiliou na transformação da realidade social de professores (projeto parceladas), formando profissionais (turmas especiais) e utilizando-se (ainda que de forma limitada) as tecnologias de ensino a distância, além de permitir a que a universidade se integrasse a determinadas comunidades (instalação dos *campi*). Além disso, houve o desenvolvimento da pesquisa com grupos e projetos de MINTERS e DINTERS, em convênio com várias universidades.

Dessa maneira, a UNEMAT foi fortalecendo-se no interior, ainda que, para isso, conflitos internos e disputas políticas externas tivessem de ser contornados por lutas e alianças em prol de sua expansão, comprovando os sentidos atribuídos dos sujeitos políticos na idealização de uma universidade multifacetada.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE MATO GROSSO - 2006. 28v. /Secretaria de Estado e Planejamento e Coordenação Geral – Cuiabá: SEPLAN-MT. Liz:Várzea Grande/MT, 2007.

BIGNOTO, Newton. **Uma sociedade sem virtudes?** In: NOVAES, Adauto (org.). O esquecimento da política. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CHAUÍ, Marilena. **O que é política?** In: NOVAES, Adauto (org.). O esquecimento da política. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

COLLINS, Randall. **The sociology of philosophies: A global theory of intellectual change**. Cambridge. Massachusetts and London: Harvard University Press, 1998.

FERNANDES, Cleoni; GENRO, M. E. H. **Práticas pedagógicas e cidadania? Algumas reflexões com nosso tempo**. In: Moreira, Jacira Cardoso; Mello, Elena Maria; Costa, Fátima Terezinha. (Org.). Pedagogia Universitária: campo de conhecimento em construção. Cruz Alta: UNICRUZ, 2006.

GIANEZINI, Quelen. **Sociologia e História da Educação: Breves Reflexões e Considerações**. In: Fiorelo Picoli; Josivaldo Constantino dos Santos. (Org.). Educação - do Pedagógico ao Econômico. Cáceres: UNEMAT, 2006, v. 1, p. 21-29.

_____. **A pesquisa científica nas universidades mato-grossenses**. In: XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007, Recife. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia - Resumos. Recife: Editora UFPE, 2007.

_____. **O Processo de Expansão do Ensino Superior em Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UFGRS, Porto Alegre, 2009.

23 Na gestão da Profª Ilma Machado (1996 – 1998) não houve expansão. O que ocorreu foi a finalização de algumas atividades iniciadas anteriormente, sendo retomadas (e ampliadas) na gestão seguinte.

- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Política como moralidade: a banalização da ética.** In: NOVAES, Adauto (org.). O esquecimento da política. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- MACIEL, Carina Elisabeth ; BITTAR, Mariluce. **Universidade: Educação Especial e o Processo de Inclusão nos Cursos das Licenciaturas.** In: Intermeio: revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v. 11, n. 21, p. 86-102, 2005.
- MEDEIROS, Iraci Aguiar. **Inclusão social na universidade: experiências na UNEMAT.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP, São Paulo, 2008.
- MENDES, N. F. **História de Cáceres: História da Administração Municipal.** Cáceres, 1973. [sem editora] 290p.
- NOVAES, Adauto. **Políticas do esquecimento.** In: NOVAES, Adauto (org.). O esquecimento da política. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- NOVAIS, Ademária Moreira. **Percepção ambiental de moradores da comunidade Jardim Paraíso, Cáceres – MT: Um estudo de caso.** Cáceres, 2008. 79f. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais UNEMAT.
- Relatório de Expansão do Ensino Público Superior Estadual. SEDUC/MT, 1991. Mimeo.
- RIEDER, Arno. ENTREVISTAS: Professor Arno Rieder. In: MOTTA, Aricildes de Moraes (Coord. Geral). **HISTÓRIA ORAL DO PROJETO RONDON.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2007. Tomo 3.
- SCHWARTZMAN, Simon **A sociedade do conhecimento e a educação tecnológica.** Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade - IETS/SENAI, 2005. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/pdf/2005_senai.pdf>. Acesso em 19 de mai 2010.
- ZATTAR, Neuza Benedita da Silva; TEIXEIRA, Danielle Tavares; ARTIOLI, Luiza Bernadete. **UNEMAT 30 anos: Pelos Caminhos de Mato Grosso.** Cáceres [MT]: Editora da UNEMAT, 2008(a).
- ZATTAR, Neuza. **Do IESC à UNEMAT: uma história plural 1978 – 2008.** Cáceres [MT]: Editora da UNEMAT, 2008(b).